



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



Vol. 12 – Nº 25 – Janeiro – Junho 2017

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**JOSUÉ MARQUES GUIMARÃES:
JORNALISMO E REALIDADE –LITERATURA E FANTASIA**

Autora:

Flavia Susana Krug¹

¹Mestranda em Letras na Linha de Pesquisa Leitura e Formação do Leitor - Universidade de Passo Fundo - UPF. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai das Missões - URI (2014). Secretária Escolar no Colégio Marista Nossa Senhora Medianeira de Erechim – RS. Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina, em Erechim – RS e Escola Estadual Professor Mantovani – Erechim, RS. Experiência na Área de Educação: Docência Júnior (Nível Acadêmico) em Língua Portuguesa, Literatura e Formação de Leitor. Docência em Ensino Superior. Ensino Fundamental Séries Finais e Ensino Médio - Língua Portuguesa, Literatura e Língua Inglesa. Auxiliar Administrativo (Financeiro) em Prefeitura Municipal: Administração, Finanças, Planejamento e Judiciário. *E-mail:* flaviakrug2014@gmail.com

JOSUÉ MARQUES GUIMARÃES: JORNALISMO E REALIDADE – LITERATURA E FANTASIA

RESUMO: A relação entre o jornalismo e literatura sempre suscitaram polêmicas discussões. Ao longo da história, ambos campos do conhecimento se divergem ao mesmo tempo que convergem, especialmente no que concerne ao discurso e suas devidas funções. O presente artigo visou por identificar distâncias e aproximações, aceites e desacordos, porém de assemelhação única ao se utilizarem das palavras para levar a informação e proporcionar conhecimento, a partir de breves colocações sobre tempo, espaço, pesquisas e estudos que afirmam ser o jornalismo em sua identidade, autônoma e estável, e a literatura, caminhos e descaminhos primados pela busca incessante da verdade, do pacto ético de credibilidade com o leitor, pelo pacto estético. Indubitavelmente, os dois mantêm-se unidos pela utilização da palavra em qualquer momento da existência humana.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Jornalismo. Ficção. Realidade. Escritor.

ABSTRACT: The relationship between journalism and literature has always provoked controversial discussions. Throughout history, both fields of knowledge diverge at the same time as they converge, especially concerning the discourse and its functions of each. This article sought to identify distances and approaches, accepted and disagreements, different objectives, but unique resemblance to using words to bring information and provide knowledge, from a brief placement on time, space, research and studies that affirm to the Journalism in its autonomous and stable identity, and literature, ways and ways, prevailed by the incessant search for truth, the ethical pact of credibility with the reader, by the aesthetic pact. Undoubtedly, the two remain united by the use of the word at any time of human existence.

KEYWORDS: Literature. Journalism. Fiction. Reality. Writer.

1 INTRODUÇÃO

Ao falarmos de Josué Marques Guimarães o que nos vem à primeira vista, certamente, serão literatura e jornalismo. E isto não é por acaso, tendo em vista que o nobre jornalista e escritor figurou entre os maiores autores dos gêneros. Atuante exemplar como jornalista, sua atuação marcante como escritor perdura nos dias atuais com a mesma significação de outras épocas. Graças à vida jornalista, Josué Marques Guimarães percebeu seu dom marcante, especialmente na escolha dos temas para a escrita de grandes obras romancistas, entre outros.

Assim como ele, outros muitos nomes como Erico Verissimo, Lima Barreto, Machado de Assis, Graciliano Ramos, entre outros escritores brasileiros, experienciaram passagens por alguma redação jornalística antes do encontro com a literatura. Tal afirmação foi apontada em 1904, pelo jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em publicação acerca de pesquisa realizada pelo jornalista Paulo Barreto, conhecido por João do Rio (RIO, 2006).

A pesquisa atendia a necessidade de entender a relação existente entre jornalismo e literatura, também naquela época. Mais tarde a pesquisa transformada no livro *O momento literário*, foi novamente trazida à tona pela escritora Cristiane Costa, na obra *Pena de Aluguel*, que abordava o estudo realizado por João do Rio, inclusive agregando ao seu teor, a participação de trinta e seis grandes intelectuais. Na pesquisa realizada, dez intelectuais concordavam que o jornalismo não servia de aporte para escritores literários; outros onze participantes enfatizaram que o jornalismo apenas servia de base para escritores aspirantes; mais onze deles admitiram ser o jornalismo favorável a iniciação do escritor na literatura; três deles não responderam; um não entendeu o questionamento e decidiu por não se manifestar (COSTA, 2005).

Mais tarde, a mesma pesquisadora decidiu por uma reaplicação da pesquisa envolvendo trinta e dois escritores-jornalistas que iniciaram sua vida escritora na década de 1990 e, a partir de então, mapeou os cem melhores e mais destacados jornalistas-escritores entre o período de 1904 e 2004. Entre esses nomes, Josué Marques Guimarães fora citado (COSTA, 2005).

A experiência da leitura, seja ela literária ou jornalística, decorre de propriedades muito singulares de ambos os gêneros. A literatura, enquanto forma de expressão que, utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade de construir um mundo coerente e compreensível, logo, portanto, se compara ao campo racional do ser humano (COSTA, 2005).

O jornalismo, por outro lado, universo informacional responsável por elaborar imagens interiores para o leitor, a partir da realidade dos fatos, condiciona o dia a dia exacerbado de uma sociedade, acomodando tempo e lugar com criticidade, revelando-se originalmente criativo, além de aproximar gerações e acontecimentos por meio de muitas formas expressivas e inusitadas de comunicação (COSTA, 2005).

1.1 Algumas decorrências significativas sobre leitura e literatura

Podemos tomar como referência a virada dos anos 70 para os anos 80, por exemplo, momento marcante da intensificação e expansão de discussões relativas à leitura nas escolas e ao papel da literatura na sociedade. Neste período a caracterização da descompreensão do regime militar em suas manifestações públicas de insatisfação com o modelo autoritário de governo da época, assim como as primeiras exigências acerca das eleições diretas para a

presidência da república em 1984, impulsionaram o Brasil para seus primeiros passos na direção da redemocratização (COSTA, 2005).

Neste contexto, amplos movimentos envolvendo, sobretudo pesquisadores da área de Letras preocupados com a qualidade de ensino surgiram, especialmente aqueles direcionados à leitura e literatura com objetivos similares aos contemporâneos de muitos profissionais da área que, ainda hoje, também, almejavam superar dificuldades e lacunas desde aquela época (COSTA, 2005).

Ainda congruente Costa (2005, p. 184):

[...] o jornalismo, como símbolo da própria modernidade,, ao mesmo tempo em que passará a ser guiado predominantemente pelo cientificismo da linguagem, do pacto ético, também continuará buscando na função estética, ou mais propriamente na literatura, novas bases para a construção de um discurso representativo da realidade social. Exemplo disso, foi o advento do *New Journalism*, na década de 60, muito embora este movimento nascido nos Estados Unidos possa ser enquadrado como um estilo dentro do próprio jornalismo, uma vez que hoje não mantém a abrangência dos anos anteriores, uma vez que não foi capaz de colocar em xeque o estilo consolidado pela narrativa jornalística pautado pela objetividade. Se na literatura o que importa é o caráter verossímil do discurso, ou seja, o pacto de verdade firmado com leitor de um mundo possível com relação a determinada história, no jornalismo a suposta verdade dos fatos. É importante frisar, no entanto, que a dimensão estética não se limita propriamente à arte clássica, mas também pode estar contida no jornalismo, na propaganda, enfim nos discursos da comunicação de massa. Em todas estas situações, até chegar ao leitor, a narrativa passa por uma série de “filtros” que vão desde a interferência do grupo editorial, passando pelas injunções de caráter político, até a mediação do próprio enunciatório, que traz em seu repertório características ideológicas, profissionais, de classe social, entre outras.

Iniciativas como a realização do I Congresso de Leitura (COLE), em Campinas (1978); I Encontro de Professores Universitários de Literatura Infantil e Juvenil, no Rio de Janeiro (1980) e a Primeira Jornada Sul-Rio-Grandense de Literatura, em Passo Fundo (1981), tornaram-se relevantes referências para renomados escritores, pensadores, pesquisadores e demais profissionais vocacionarem-se para a difusão e o fortalecimento da literatura em todas as partes do país (COSTA, 2005).

Entre o final dos anos 70 e o começo dos anos 80, ocorreram, ainda, significativos sinais de interação educacional e demais pesquisas e estudos com o intuito de discutir problemas de ensino e aprendizagem de competência leitora como, também, políticas públicas que alavancassem situações democratizadoras de cunho simultâneo, a fim de beneficiar definitivamente docentes e discentes (COSTA, 2005).

Nesse âmbito, a literatura recebeu valorização específica, pois era nela que se depositavam esperanças para a superação dos problemas com leitura experimentados, por exemplo, em sala de aula. Erros e dificuldades de leitura e expressão escrita, por parte dos estudantes, deveriam ser corrigidos pela literatura por meio das obras de ficção e de poesia, que segundo a visão daquela época, responsabilizavam-se adequadamente na transferência de créditos, bem com as expectativas de mudança e de sucesso quando do exercício da leitura de textos literários estivessem direcionados à ação educativa por parte dos docentes. A literatura, então, era vista como utopia para a renovação e eficiência de uma nova escola preocupada com a aprendizagem dos estudantes e a gratificação profissional para os docentes que dela se utilizassem.

Após três décadas, o tempo se encarregou de modificar o cenário e oportunizou ao nosso país uma aparente redemocratização envolvendo surtos inflacionários, globalização da economia, sucessivas reformas no ensino básico e remodelações culturais como a disponibilização de cotas, tornaram-se obrigatórias em várias universidades públicas (COSTA, 2005).

Os meios de comunicação existentes nas décadas de 1960, 1970, 1980 até meados dos anos 2000, expandiram-se consideravelmente, acompanhando notoriamente o crescimento tecnológico em todos os seguimentos sociais. Na passagem dos anos 70 para os anos 80, o livro impresso era o maior dos receptáculos soberano e insofismável do texto e, dessa forma, foi instrumento enriquecedor nas habilidosas mãos de renomados escritores, aqueles que o entendiam como nenhuma outra pessoa, constituindo, assim, o prazer do recebimento da escrita, por exemplo, elaborada por Josué Marques Guimarães.

1.2 Josué Guimarães: sua escrita e efeitos

O nobre jornalista e escritor, por meio da criação de suas valorosas obras, provocava e, de fato, ainda o é, em seus leitores, desde aquele período, um efeito duplo: acionava fantasia disponibilizando a frente do imaginário, diversos tipos de vivência interior; suscitando um posicionamento intelectual por parte do receptor das mensagens dos seus textos. Para ele, uma vez que o mundo estivesse representado pelas palavras do texto, mesmo que afastasse tempo ou o diferenciasse por alguma razão, enquanto invenção, produzia modalidade de absoluto reconhecimento e interação em quem o lesse. Nesse sentido, os textos criados por Josué Marques Guimarães, em particular o literário,

introduziam diferentes universos que por mais distanciados estivessem da rotina dos seus leitores, os levavam a refletir sobre cotidiano e experiências (IELRS, 2013).

O jornalismo e a literatura de Josué Marques Guimarães constituíam-se de uma atividade sintetizadora capaz de proporcionar ao leitor, penetrar no âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. A partir da leitura delas o leitor não esquecia suas próprias dimensões, porém expandia-se pelas fronteiras do conhecido, absorvido por uma incomparável imaginação dominada pelo intelecto.

Conforme Even-Zohar (2005, p. 44):

[...] as paixões e as emoções humanas; a busca do autoconhecimento; a tentativa de compreender nossa identidade (quem somos); a construção da voz pessoal; as inúmeras dificuldades em interpretar o Outro; as utopias individuais; as utopias coletivas; a mortalidade; a sexualidade (relação sexo-afetiva essencialmente subjetiva, corporal e emocional); a sempre complicada distinção entre a “realidade” e a “fantasia”; a temporalidade e a efemeridade (por exemplo, o envelhecimento e suas implicações); as inúmeras e intrincadas questões éticas; a existência de diferentes pontos de vista válidos sobre um mesmo assunto etc. Ora, tais temas e assuntos, em que pese não aparecerem em livros didático-informativos, nem nas matérias do currículo oficial, são da maior importância e complexidade e não podem deixar de ser abordados. Afinal de contas, na vida concreta, todos os seres humanos, queiram ou não, estão, por exemplo, permanentemente mergulhados num processo de aprendizado e busca do autoconhecimento. Conhecimento, este, vastamente oferecido pela literatura.

Ao manter contato com a escrita de Josué Marques Guimarães, o leitor socializa experiências cotejando conclusões com as de outros leitores, inclusive o desenvolvimento do senso crítico e a discussão por preferências. Suas obras estimulavam o diálogo e a troca de resultados, bem como experiências de leitura capazes de confrontar gostos. Não se tratava apenas de uma atividade do ato de ler solitária ou conjuntamente, mas de aproximar pessoas dispondo-as em situação de igualdade de conhecimento, a que todos têm o mesmo direito. Ler as produções do renomado jornalista e escritor, além de muito ensinamento, induziam os leitores a práticas socializantes, que, estimuladas, mostravam-se democráticas, igualitárias (IELRS, 2013).

Consoante Even-Zohar (2005, p. 80):

[...] o que, então, é exatamente um leitor? De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras – existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar literatura, das artes, dos jornais, dos textos científicos; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar os mais diferentes textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento.

A leitura das obras produzidas por Josué Marques Guimarães, convocavam, especialmente, a imaginação do leitor e, assim, ele era convidado a trabalhar seu intelecto responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. Nesse sentido, o resultado da leitura, contato indispensável pela ampliação do saber, proporcionava aos leitores, além do sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, como, indispensavelmente, o estímulo recebido pelo imaginário deste mesmo leitor (IELRS, 2013).

Assim, leitor e leitura navegavam pelas mais diversas formas de conhecimento, habituando-se ao convívio da fantasia, liberando-os do cotidiano da sociedade, por vezes cruel e insensata. Os leitores em contato com as palavras habilmente desenhadas por Josué Marques Guimarães uniam mundo e imaginação não apenas receptivamente, mas as articulavam de maneira informacional.

2 REALIDADE E IMAGINAÇÃO

Suponhamos que nada saibamos sobre as coisas do mundo ou que, quase tudo, seja uma absoluta novidade. Suponhamos, ainda, que conceitos sobre pessoas e coisas materiais sejam limitados, talvez inexistentes; que não possuamos senso crítico claro e a realidade reflita apenas uma restrita parte do meio onde vivemos. Sem contar, inclusive, acerca dos conceitos racionais de injusto ou justo, de errado ou certo, estejam fora de cogitação do conjunto de valores pessoais; valores estes centralizados em torno das necessidades vitais básicas responsáveis por refletirem apenas as demandas involuntárias do temperamento de cada ser humano, assim como seus anseios e particularidades.

Pensemos, então, a partir de outro ângulo: aquele no qual a fantasia dá forma compreensível aos fenômenos transparecidos por meio de ações e figuras e relações entre elas. A fantasia possibilita essa transferência de forma para a literatura. O leitor assume a necessidade de procurar nela elementos que expressem seu mundo interior. Entretanto, pode ser que ele não opere exatamente como o escritor tenha imaginado na sua produção literária, em seu intuito maior de criativamente, proporcionar-lhe processos internos de satisfação.

Mesmo assim, o leitor a medida que se permitir ler Josué Marques Guimarães, passará por situação similar, a partir do contato com o mundo imaginário agitado e completo, manifestado e transformado pela linguagem do jornalismo e da literatura muito bem empregada pelo escritor. Nesse sentido, o leitor é convidado a compreender porque leituras significativas são facilmente confundidas com nosso cotidiano, tornando-se lembranças perenes que explicam, muitas vezes, nossa própria vida.

Consoante Iser (1993, p. 65):

[...] a Literatura, em vez de trabalhar com personagens idealizadas, previsíveis e abstratas – além de “politicamente corretas” – típicas dos livros pedagógicos, pode apresentar ao leitor seres humanos fictícios, mas complexos e paradoxais, mergulhados num constante processo de modificação, empenhados na construção de um significado para suas vidas. Como determinar a realidade e a fantasia se sabemos que uma experiência do passado pode influenciar, inconscientemente, na leitura do presente? Assuntos e temas como esses – sempre tratados através da ficção e da poesia – são recorrentes em boa parte das obras literárias e inexistem nos livros didático-informativos.

Josué Marques Guimarães por meio das palavras valorizava realidade e fantasia não recorrendo a artifícios prováveis de ângulos utilitários ou adequadamente aplicados pelas culturas da escrita e da leitura. Era um escritor prático, embora tenha aproveitado culturalmente sua maneira de aplacar a satisfação interior, resultante do contato do leitor com suas obras sem mecanizar as escritas jornalística e literária (IELRS, 2013).

Nesta maneira de condição básica para relacionamento entre os homens, suas criações, nesse sentido, assumiram papel preponderante, agindo sugestivamente por meio da ficção e da fantasia, socializando, assim, formas que permitiam a compreensão dos problemas ou situações bem delineados pelo literata em suas composições, configurando-o, também, como articulador e mediador do conhecimento por atitudes liberadoras, alcançando o imaginário enriquecido de efeitos de sentido e significação perfeitamente compreendidos por seus leitores (ADORNO, 1995).

Para Adorno (1995, p. 101, grifos do autor):

Como qualquer arte, a **Literatura** não tem o poder de modificar a **realidade**, mas é capaz de **registrá-la** e de fazer com que os leitores/ouvintes reavaliem a própria vida e seus comportamentos. Isso significa que a **Literatura**, ao mesmo tempo que provoca a reflexão, responde a algumas de nossas inquietações por meio de **construções simbólicas**.

Josué Marques Guimarães muito bem compreendia que a fantasia é prospectiva quando formulada e, a literatura, sua herdeira, pois a recebe como legado, acenando para as muitas possibilidades de transformação do mundo, encaminhando seus leitores pela busca afora do conhecimento que os rodeia (IELRS, 2013).

Para Josué Marques Guimarães a literatura além das funções por definição que lhe são atribuídas, era subjetiva e na invenção de palavras transgredia, por exemplo, as normas oficiais da Língua, tendo em vista que ao criar ritmos inesperados e ao ser explorada em sua sonoridade, permitia ao escritor brincar com trocadilhos e duplos sentidos, recorrendo a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias, inclusive sendo propositalmente ambígua e até mesmo obscura.

No entendimento de Adorno (1995, p. 103):

[...] nossas experiências, sejam as experiências do passado, plenamente assimiladas ao presente, se incorporam e se fixam como um elemento plástico e influem sobre os atos do presente. Porém, além disso, ao homem se coloca viver em uma época determinada que é, em seu turno, sobras de outras épocas e que oferece uma paisagem cultural em mínima parte criada por ela e em máximo herdado de épocas pretéritas. A figura mutante de uma época imprime seu selo sobre o homem e lhe impõe todo um repertório de ideias, crenças, gestos, preferências. Ao assimilar essas heranças, não sem modificá-las, o homem conquista a altura cultural de seu tempo e desde ali se percebe a si mesmo como ser histórico. Esta, sem dúvida, é um dos aportes da literatura desde os seus primórdios.

Desta forma, a tendência não apenas do jornalismo mas também da literatura era a tendência à plurissignificação, à conotação, almejando que diferentes leitores desenvolvessem diversas interpretações, sendo ainda possível dizer, que quanto mais leituras suscitassem, maior era a qualidade de compreensão (IELRS, 2013).

Para o jornalista e escritor falar em Jornalismo e Literatura se tratava de abdicar tentativas fúteis de comparações, porém dedicando-se a observar o mundo e seus arredores a partir de diferentes pontos de vista da objetividade. Assim, o notável escritor em virtude da

ficção, penetrava no patamar da subjetividade, acerca da visão de mundo pessoal e singular, da analogia, da intuição, do imaginário e da fantasia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há consenso sobre as origens do jornalismo, porém para muitos pesquisadores, ele surgiu juntamente com a primeira comunicação humana, ainda na pré-história. Entretanto, muitos outros pesquisadores o localizam no início dos séculos XVIII e XIX, justificando suas características modernas já poderem ser identificadas naquela época, quando os jornais daquele período eram periódicos e atuais.

Alguns pesquisadores e estudiosos nesta área, afirmam que quando o homem se comunica, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção das suas mensagens. Ao ouvirmos a fala pública de alguém, por exemplo, não estamos somente utilizando a audição. À medida que lemos, os componentes do texto influenciam na interpretação e compreensão da mensagem do texto. Escolher elementos que caracterizem o campo jornalístico é essencial para abarcar personagens em toda sua dimensão. Nesse caso, mediação será imprescindível, como atentar para práticas jornalísticas, a ideologia organizacional e política, assim como considerar o contexto em que a personagem está inserida. Mesmo estando incompleta, a caracterização se mostrará ao leitor em sua completude, conferindo à representação social.

Vale ressaltar, tanto na literatura como no jornalismo, as personagens tem o direito à liberdade de movimentação num determinado espaço. Este mesmo espaço precisa ser descrito, assim como as ações, modos de ser e relações entre si e com o meio, estarão subordinados a uma ordem sequencial. Dessa maneira, envolverão diferentes técnicas narrativas. Em relação a questão do espaço, não necessariamente é estudada na literatura brasileira, tampouco no discurso jornalístico. Porém, é crucial reconhecer o local onde se passa a ação e sua função exercida no desenvolvimento do enredo. Se, espaço ainda é pouco estudado na literatura, não ocorre o mesmo com o fator tempo, indispensável para a construção do discurso tanto literário quanto jornalístico. É preciso sublinhar também que, assim como na literatura, no jornalismo o tempo também está em conexão com o espaço,

intrinsecamente conectado nas relações espaciais e temporais artisticamente expressadas na literatura.

O jornalismo e a literatura não ignoram as experiências que vivenciaram juntamente, tampouco menosprezam um ou outro quanto mencionam as técnicas aprendidas individualmente por eles. Afirmam, em sua maioria, que as narrativas desenvolvidas em ambos os segmentos lhes proporcionaram inúmeras e inovadoras estratégias profissionais. Velhos e bons princípios da redação, jamais perderam ou perderão sua importante essência, como, por exemplo, rigorosa apuração e observação atenta em relação ao tema a ser abordado tanto pelo jornalismo quanto pela literatura, inclusive a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre tantas outras particularidades cruciais aos dois estilos.

Josué Marques Guimarães foi, na verdade, um destes escritores multifacetados, com raras habilidades para a escrita que seus textos exigiam, além de um exímio tradutor de ideias. Ao lermos Josué Marques Guimarães visualizamos perfeitamente seus trajetos de escritas que evidenciam interligação entre uma e outra obra, operadas por uma magnífica e impressionante união de pensamentos que, de certa forma, esquematizavam a razão de outrem, buscando certa linearidade evolutiva.

Em sintonia com o seu tempo Josué Marques Guimarães dedicou sua vida ao jornalismo e a literatura, inclusive para entender o homem e o mundo, pois, para ele, tal necessidade era primordial para a compreensão da relação entre ambos e seus movimentos cotidianos como seres que convivem em sociedade. Visualizava nestes conteúdos, relatividades históricas que se contrapunham ao absolutismo enxergado ou a incompreensão da consciência humana em seus deveres e direitos.

Em suas obras jornalísticas e literárias, podemos comprovar que para ele o homem conhecia a realidade por meio da inteligência e valorizava seus sentimentos ajustando-os conforme suas vontades, anseios e necessidades, valorizando, desta forma, articulações sobre a concepção de sociedade e inteligência, por exemplo. Dessa maneira, suas produções consagradas agiam em um espaço repleto de informações, fatos e acontecimentos que transitavam harmoniosamente entre o real e o imaginário, temperando ainda mais o contato do leitor com o escritor.

Dessa forma, podemos afirmar que a essência da arte literária, especialmente do nobre jornalista e literato Josué Marques Guimarães, estava na utilização das suas palavras a partir de seus potenciais sonoros, sintáticos e semânticos, que estabeleciam relações contínuas entre

autor e leitores/ouvintes. Seu trabalho com as palavras era realizado com sentido denotativo ou conotativo/figurado, sendo essa a característica essencial das linguagens jornalística ou literária tão bem exploradas por ele.

Cada uma das disposições escritas de Josué Marques Guimarães em suas especificidades dispunham de técnicas e estilos diferenciados, que ocorriam naturalmente e contaminavam não somente no campo das temáticas por ele exploradas, mas também no interior do discurso, a fim de formar e exercer, no caso específico da atividade jornalística – pretensamente comprometida com a verdade dos fatos, exposições determinantes da busca da construção de uma linguagem objetiva, com estilo próprio, a fim de retratar uma realidade onde são apagadas quaisquer marcas de subjetividade, ficando apenas o real e o necessário.

Assim, a imaginação ou a realidade transmitida por ele em seus textos, sobrepassavam por inteiro a vida cotidiana dos homens do seu tempo, mantendo a função de fortalecer, além de despertar no leitor a energia motivadora que nos proporciona, seja a leitura jornalística quanto a literária, quando estas olharem profundamente para a interioridade do processo de comunicação dos leitores. Ao nos debruçarmos sobre os escritos de Josué Marques Guimarães adentramos num vasto universo informacional e sentimental que traz à baila um quadro profundo e verdadeiro sobre o modo particular de vivenciar as palavras.

Não há como negarmos as aproximações entre o jornalismo e literatura serem bastante fecundas e invalidarem as tentativas que procuram estabelecer, embora elas existam, fronteiras distantes entre os dois gêneros. As contribuições do jornalismo à literatura e vice-versa, só reforçam a tese da necessidade de refletir sobre as experiências possibilitadas por esta aproximação.

Basicamente, se observarmos os recursos estilísticos utilizados pelos dois gêneros, teremos total atenção voltada para a representação (in) direta da realidade. Entretanto, o contexto da pluralidade dos modos de criação literária, o caráter documental e objetivo – responsável por definir a linguagem jornalística desde o início do século XX, também constituirá o principal arcabouço na construção, por exemplo, dos romances e novelas em diferentes fases da literatura.

A literatura desempenha papel fundamental, e talvez até o lidere, desde seus primórdios, quando a exemplo disto, a poesia da epopeia formava os cidadãos da *pólis* grega, tornando-os, assim, comprometedores da história, reafirmando identidades e funções. O jornalismo, então, de fato, abrange o real, o cotidiano, o homem e suas facetas diárias, participando do mesmo

mundo de um escritor literato, porém, entre uma de suas atribuições, lembrá-lo de sua essencialidade informacional, também pelo uso da palavra.

Josué Marques Guimarães compreendia eximamente tais particularidades e as dedilhava com singular sabedoria.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Jorge Zahar, 1995.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo. Companhia das Letras, 2005.

EVEN-ZOHAR, Itamar. **La literatura como bienes y como herramientas**. In: VILLANUEVA, Dario; MONEGAL, Antonio; BOU, Enric (Org.). *Sin fronteras: ensayos de literatura comparada em homenagem a Claudio Guillen*. Madri: Castalia, 2005.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. Disponível em:

<<http://ielrs.blogspot.com.br/2013/03/josue-guimaraes.html>> Acesso em: 10 dez. 2016.

ISER, Wolfgang. **The Fictive and the Imaginary**. Charting Literary Anthropology. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993.

RIO, João do. **O momento literário**. São Paulo. Editora: Criar Edições. 2006.